

**A GEOGRAFIA HUMANISTA NO III MILÊNIO: UMA NOVA PERSPECTIVA****Marcos Antonio Correia<sup>1</sup>****Resumo:**

O artigo evidencia a geografia humanista e suas formas inovadoras de trabalhar com os saberes. Para tanto faz pequena reflexão sobre o conhecimento geográfico no III milênio e as novas perspectivas humanistas deste conhecimento. Portanto destaca o sentimento e a emoção, partindo do subjetivismo e da relação que as pessoas tem com o ser espaço vivido e percebido. Estas reflexões são tratadas enquanto conhecimento de modo geral e geográfico em particular, destacando neste, as categorias que envolvam o cotidiano local, como as mais evidentes e substanciais, tanto para a ciência como para o seu ensino da disciplina geográfica.

Palavras-chave: Geografia Humanista, Subjetivismo, Ciência-Ensino.

**Introdução**

Este artigo enfocando a geografia no III milênio, assim como os saberes de modo geral, procura mostrar que o subjetivismo e o intersubjetivismo podem fazer parte na elaboração e disseminação dos conhecimentos. Pois o momento de transição dos valores éticos, morais, e estético, principalmente este último quando se fala de conhecimento científico, levam a novas reflexões e partem de várias áreas de interesse, que por sua vez na geografia, podem ser evidenciadas através dos questionamentos e reflexões da geografia humanista cultural. Esta se reveste de novas abordagem e sentidos em seus estudos, os quais prometem amplos e necessários avanços epistemológico, filosóficos e metodológicos, a servirem de aportes científicos a mesma.

Sendo assim o artigo aponta para as novas perspectivas oriundas destas transformações que ocorrem no presente momento, em que o sentimento e a emoção, além do razão, também entram no circuito do saber, pois o penso para existir, pode ser completado com o sinto e existo para também pensar. Sendo esta visão mais ampla que a primeira, que acaba, de certa forma sendo reducionista, e exclusivista. O homem não é apenas uma máquina, possuidor de alma racional, mas alguém que sente e tem imagens diferenciadas dos lugares onde vive ou tem contato.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia – UFPR, Professor da FAFIUV; e-mail: korreya@uol.com.br

Desta maneira a ciência adquire caráter mais democrático e mais politizado, sendo distribuída e organizada por mais pessoas que poderão entrar em contato com este conhecimento que esteve e ainda está concentrado nas mãos de parte da humanidade. Seguindo esta lógica, pode-se dizer que, precipuamente falando, é no ambiente escolar, e neste caso destacando a ciência geográfica, é que o conhecimento pode e deve ser encarado e disseminado dentro dessa nova visão, ou seja, usando toda a potencialidade do ser humano para a busca de suas ambições e realizações.

### **A Geografia Humanista: Novas Perspectivas**

Com o artigo ora realizado, -- A geografia humanista no III milênio -- não se pretende chegar ao radicalismo de se desvencilhar do método ou de algum método, mas pretende-se refletir sobre a possibilidade de unir o racional e o emocional, pois tanto a natureza intelectual como criativa imaginária, através da subjetividade, principalmente esta última podem dar novo ânimo à produção do conhecimento. Sendo assim, na tentativa de situar estas mudanças é importante assinalar que, a institucionalização da razão, efetivou-se no último quartel do século XVII, segundo Gomes (1996, p.25-26), a qual adquiri status de ciência, seguindo princípios e modelos galileanos, evocando o racional e a generalização na organização e elaboração dos saberes, ao mundo humano, delineando este caminho como o único para se chegar e conquistar o modelo moderno do qual sai, na época, o equilíbrio a ordem e o progresso, assim como mesmo sufocadas, ocorrem oposição á esta superestrutura do conhecimento, enfatizando posições anarquistas, e elaborações místicas, caracterizando-se como “Contracorrentes”, contestando o poder da razão o espírito científico e a estrutura dos saberes científica ora institucionalizados.

Segundo Bailly (1995, p.155) tanto na geografia, como em outras áreas do conhecimento, tudo parece progredir através da revolução que na realidade não se caracteriza como tal, mas pode ser analisada como adaptação a um novo modelo. O humanismo na geografia segue este mesmo caminho evolucionista, nem revolução, nem mudança/desordem, porém, antes de tudo uma alteração nos estados de espírito, ampliação dos pontos de vista e dos métodos. E, é lógico, cada mudança gera a raiva/ira de tal ou qual autor, garantia do bom caminho que deveria seguir sua geografia. Nesta mesma obra, Pocock diz que a abordagem humanista em geografia não se contenta em

estudar o homem que raciocina, mas também aquele que experimenta os sentimentos, que reflete, que cria, pois toda a divisão rígida entre o mundo objetivo, exterior e o mundo subjetivo, interior é rejeitada já que o mundo encontra sua coerência nos conceitos estruturadores e ele constitui uma extensão de nossa consciência; o sujeito estando envolvido nos processos de conhecimento, não podendo haver separação entre fatos e valores. Portanto, descrever e compreender, insistindo sobre a empatia com os homens, tais são os objetivos principais da geografia humanista.

Ainda segundo Bailly (1995, p.156-7), quando evidencia as palavras de Chistinger, diz que para cada indivíduo, o universo se compõe, dele mesmo de um domínio que lhe é inicialmente estranho, mas que ele procura dominar fisicamente e intelectualmente baseado nos conceitos de Ser/estar e conhecer-se os quais estão indissolivelmente ligados. Já Fremont destaca o vivido e toda a carga geográfica e conceitual que permeia esta concepção. Este conceito sintetiza as relações muito complexas dos homens e seu espaço de vida, materiais, mas também ecológicos e psicológicos. Este integra o próprio olhar dos geógrafos sobre as sociedades e as regiões que eles estudam, o qual (o olhar/ o geógrafo) nunca é verdadeiramente neutro. O espaço vivido é também o espaço dos geógrafos. Por outro lado à geografia pode aparecer assim como um jogo complexo de espelhos onde os homens enviam sua própria imagem e a imagem dos outros, do espaço onde eles vivem, para eles mesmos e inversamente, mais também aos geógrafos que os olham reciprocamente.

O novo milênio, iniciado no século XXI apresenta tendência à transição, reestruturação e evidente metamorfose no projeto arquitetado pela sociedade, desde os séculos XV e XVI até o presente momento. Levando o homem a repensar toda a sua produção nos diversos saberes que permeiam a sua existência. Sobre estes novos tempos, ditos por (Gomes, 1996, p.19-21) como pós-modernos, iniciam-se nos anos setenta do século XX, uma nova preocupação, preferencialmente de ordem estética, desencadeando outras manifestações. Esta preocupação na visão do autor, não deixa de lado o monumentalismo existente na época, suas respectivas técnicas e materiais consagrados pelo modernismo. Já o pós-modernismo afasta-se do universalismo e das generalizações que embasaram e embasam o modernismo, pois estabelece outras formas de legitimidade diferenciando-se da racionalidade a qual expurgou o sentimento, a

intuição ilativa; a indefinição, a polimorfologia, a polissemia, estes caminhos, que fogem das unificações generalizadas e evitam a razão totalizante.

Estas novas concepções estéticas e artísticas inauguram visões diferenciadas de espaço e tempo, tornando-se relativas e mutáveis constituindo-se em renovadas “Unidades Fenomenológicas”, sendo que nas manifestações artísticas são mais perceptíveis. Já nos saberes científicos, isto não ocorre com tanta visibilidade, ao mesmo tempo em que avança de forma mais lenta, no entanto não menos efetiva. Na ciência a iniciativa mais evidente é a teoria anarquista de Feyerabend, dizendo que os instrumentos metodológicos convencionais são inconsistentes e a hegemonia da razão e o mito equiparam-se na sua condição epistemológica, valorizando o particular e o único advindo do sujeito e seu mundo. Como já se reportou Paulo Cesar da Costa Gomes (1996 p.21-23).

No que concerne ao pensamento de Fritjof Capra (1999, p.35-37), a razão e a intuição são maneiras indissociáveis no funcionamento do cérebro humano. A primeira é concentrada, analítica e linear. Já da intuição, parte da realidade, do vivido, do não pensado, privilegiando a percepção consciente. Isto provocou cisão entre matéria e espírito, levando a um pensamento mecanicista reduzindo e separando os elementos assim como seccionando a natureza. A mesma estende-se aos organismos vivos, caracterizados como máquinas formadas por peças disjuntas. Isto ainda ocorre na estrutura básica da maior parte das ciências, exercendo grande influência nas nossas vidas, provocando, também separação das disciplinas acadêmicas, assim como visões fragmentadas de políticas de governos e entidades responsáveis pelo meio ambiente.

Como reflete Capra (1982, p.44), a maior parte dos ramos científicos seguem os princípios da física clássica, aceitando o reducionismo e o mecanicismo da mesma. Mesmo os economistas, psicólogos e sociólogos acabam aderindo, quase naturalmente à física newtoniana, quando na tentativa de tornar científicas suas respectivas teorias. Mas no último século a visão mecanicista da física passa por grandes modificações e sustenta estrutura orgânica e ecológica aproximando-se de um holismo e certo misticismo. O universo é visto como um todo harmonioso e indissociável, promovendo ligações dinâmicas, complexas e ligando todos os objetos, elementos e fenômenos que se interconectam ao ser humano e sua consciência essencial.

Na realidade retomam-se alguns conceitos já idealizados por alguns pensadores, como diz Fritjof Capra (1999, p.53-54), que antigamente conceituava-se a Terra como mãe nutriente o qual sofre alterações nos relatos de Bacon desintegrando-se por completo na revolução científica, a qual optou-se pela concepção do mundo como máquina, em detrimento de idéias orgânicas. Este enfoque foi de grande importância para o assentamento da sociedade moderna ocidental que foi arquitetada por dois personagens: Descartes e Newton. O primeiro com sua conhecida premissa “Gogito, Ergo Sum”, “Penso Logo Existo”, deduz que a essência humana está no pensamento e que o conhecimento correto é adquirido pela intuição e dedução, caracterizando-se em instrumentos imprescindíveis à edificação do pensamento e conhecimento humano.

Seguindo o pensamento do mesmo autor (1999, p.56-58), o universo material para Descartes constituía-se, simplesmente em uma máquina, desprovida de espiritualidade ou vida, funcionando através de leis mecânicas explicadas por intermédio dos movimentos de suas partes. Com este pensamento mecanicista, ele tenta constituir parâmetros a uma completa ciência natural, estendendo esta concepção dos organismos vivos. Aos quais plantas e animais são considerados máquinas e o ser humano, possuidor de alma racional, estava ligado ao corpo pela glândula pineal e tido como animal-máquina. Newton praticamente continua o pensamento de Descartes, concretizando seu projeto, matematizando a concepção mecanicista da natureza, sintetizando, inclusive, além de Descartes, as obras de Nicolau Copérnico, Kepler; Bacon e Galileu.

Diante do exposto torna-se visível a necessidade de uma reestruturação dos ideais humanos, partindo-se de uma reeducação de seus saberes e uma revisão de suas capacidades e possibilidades que atendam estas necessidades, que não são tão novas assim, mas ficam subjugadas e proteladas, como já ditas, por parte da sociedade, que talvez não levou em conta o todo na execução de seu projeto de vida desde a modernidade. Neste sentido a geografia humanista apresenta-se com alternativa palpável a tal intento, realçando o sentimento ao pensamento na realização do conhecimento.

**O Subjetivismo e o Intersubjetivismo na Geografia**

Esta subsecção do artigo sugere, que a resistência à subjetividade esta mais presente quando se trata da elaboração do conhecimento científico de modo geral e da geografia em particular, por outro lado a subjetividade acrescentada da intersubjetividade tornam-se imprescindíveis aos aspectos pedagógicos e didáticos do conhecimento geográficos. Quanto ao primeiro sentido, Bailly (1990, p.159), destacando as palavras de Pouliot diz que, com efeito, um pesquisador não pode querer chegar ao nível do discurso científico se é colocado diante da paisagem armado somente de sua afetividade e de suas emoções. A partir de então, pode produzir unicamente um discurso subjetivo, portanto cientificamente inaceitável, sobre a paisagem analisada, mas mesmo isto, pode ser repensado diante das manifestações de mudanças do mundo contemporâneo.

Mas as palavras de Bailly (1990, p.159), já sinalizam para uma visão mais amena e consonante com os anseios da sociedade atual em relação a este aspecto, principalmente no tocante ao âmbito social quando diz que, toda a construção do real é parcialmente lógica e ao mesmo tempo parcialmente ilógica, pois é inconsciente; este paradoxo só é levado em conta apenas pelas teorias probabilistas; as outras só pegam do fato social sua projeção no real, superestrutura coerente em aparência. Também é ilusório querer fechar/trancar o social numa couraça de um sistema determinado se não se aborda a questão dos aspectos não comunicáveis e não descritíveis da experiência humana.

O autor reafirma que para entender esta dificuldade, remonta-se aos níveis cognitivos de Bouding: fazer, regular, informar, memorizar, decidir, coordenar, imaginar, finalizar. Parece fácil dar um modelo, nesta experiência cognitiva ativa, o que se descreve, se comunica, como fazê-lo, regulá-lo, informá-lo, decidi-lo, coordená-lo, finalizá-lo, é mais delicado abordar o memorizar que é só uma hipótese, sem a qual o sistema cognitivo não é inteligível/compreensível. Ora, este elemento fundamental, na estrutura da inteligência artificial não é descritível e, portanto a priori dificilmente compreensível. O mesmo acontece com todos os elementos invisíveis (e, portanto imprevisíveis) que testemunham a subjetividade da interioridade humana; muitos sentimentos (bem-estar, por exemplo) não se manifestam pelas ações, nem por raciocínio, eles são, entretanto imperceptíveis em termos de experiência cognitiva.

Em relação ao subjetivismo e seu desenrolar intersubjetivo na ciência e outras facetas que não o objetivismo e o racionalismo, se tem atualmente várias discussões, que buscam introduzir o emocional no tratamento científico. No caso da geografia, a fenomenologia e a geografia crítica se apresentam com seus respectivos humanismos, mas de modo particular o método fenomenológico, no que diz respeito ao emocional e subjetivo, consegue subsidiar a ciência geográfica no que tange a este aspecto, vinculado ao espaço vivido e seu cotidiano. Mas ainda muitos questionamentos, devem ser feitos nesse sentido, pois a própria fenomenologia não é muito divulgada e aceita nos meios acadêmicos no geral e na geografia ela está para ser elaborada. Muitas reflexões ainda se fazem necessárias, desde seu posicionamento epistêmico-filosófico até sua composição teórico-metodológica. Portanto muitos estudos devem ser realizados para a participação efetiva da geografia no novo projeto da sociedade atual.

### **O Subjetivismo no Ensino de Geografia**

Olhando pelo lado pedagógico e didático da geografia humanista cultural fica mais fácil de entender e até de justificar a subjetividade em relação ao conhecimento. Já pelo lado científico as críticas são contundentes, mas de certa forma precipitadas, pois o tema deve ser debatido com mais afinco e rigor. Neste caso pode-se citar as palavras de Kozel (2002, p.228), quando diz que para se perceber a subjetividade das pessoas, tem-se que remontar as representações mundanas das mesmas. Portanto as representações tornam-se fundamento das ações, as quais pressupõem conhecimentos e não somente um processo de aprendizagem.

Bailly (1990, p.10), quando se reporta ao subjetivo de onde vem o imaginário e a representação diz que esta é constantemente descartada por causa de nossa identidade racional cartesiana a qual exalta a objetividade e o pensamento funcional e desdenha toda a manifestação subjetiva. Por este caminho o autor tenta aproximar o ensino da geografia à ciência, atitude esta que é compartilhada na elaboração deste artigo. Isto é observado quando estimula a ligação do imaginário ao conteúdo científico e seu respectivo conteúdo trabalhado no ensino de geografia. Na seqüência, diz que o conteúdo geográfico sistematizado não é tudo e o subjetivo e as representações sociais, assim como o imaginário deve estar em estreita afinidade com o saber científico.

Embora esta relação ensino da disciplina geográfica escolar, através das representações e a produção científica que embasa a mesma estejam em consonância com este artigo, é importante notar que além das representações proporcionadas pelo conhecimento geográfico, tem-se a intenção de destacar o subjetivo e a percepção do espaço vivido, em outras palavras o cotidiano do indivíduo e sua forma de apreensão. Então fica claro, que a percepção individual de cada pessoa, seguida das interações perceptivas organizadas através de atividades elaboradas pelos mesmos, e mediadas pelo professor, devem ser o ponto de partida para a prática educativa, a qual num primeiro momento deve contar com o método fenomenológico, o qual já oferece certo aporte à geografia, mesmo com algumas ressalvas científicas, mas muito próximo de uma elaboração metodológica e didático-pedagógica.

Como a fenomenologia discute o percebido, o vivido, através do sentido e subjetivamente concebido. Pode-se depreender que estes fundamentos – já identificados por alguns geógrafos humanistas, fenomenológicos e da percepção podem enriquecer a construção epistemológica e metodológica da geografia, principalmente no que diz respeito a categorias como lugar, espaço vivido e paisagem, dinamizando até outros fundamentos da ciência geográfica. (CORREIA, 2006, p. 69).

Bailly (1990, p. 161) relata questionando o que acontece quando o sonho do geógrafo se apaga quando sob pretextos de cientificidade e de falta de originalidade ambiental, nós perdemos o gosto do imaginário coletivo que, longe de nos arrastar em um caminho incerto, nos afasta da existência mesmo de nossos vividos. Existem imagens de lugares que tocam os nossos seres, nossas memórias coletivas, além das paisagens e das práticas ditas objetivas; e sem estas imagens, como nós poderíamos compreender estas mesmas práticas? Assim como cada homem possui uma imagem de si mesmo, longe da anatomia, vive em nós a imagem dos lugares, diferentes daquelas paisagens cartográficas, sistemáticas ou caricaturas. O humanismo na geografia é sensível às emoções, à familiaridade, para colocar em evidencia esses componentes invisíveis de nossas imagens.

### **Considerações Finais**

As reflexões aqui expostas destacam dois temas instigantes das ciências. O primeiro trata da inserção do subjetivismo como algo a ser considerado na construção dos saberes na atualidade e outro trata da disseminação dos conhecimentos e neste



artigo particularmente no conhecimento geográfico. Estas considerações sinalizam para o momento de transição nos caminhos da sociedade, pois outros interesses que talvez estavam latentes desde o Iluminismo estão se manifestando de maneira mais evidentes, ou seja, a emoção, a imaginação, os sonhos e o estético, através da arte, quase que exigem sua participação nas elaborações humanas. Por isso, o individual, o uno, o particular e o relativo se fazem presentes e necessários nesta nova empreitada do ser humano. O que na geografia também não poderia ser diferente, mesmo porque esta está inserida naquela e seguramente este modelo fenomenológico perceptivo e representacional se encaixam neste apelo sócio-cultural.

Também é de fundamental importância, além de mostrar que a representação provinda do social é a consequência do movimento processual do conhecimento, ele resgata a percepção individual como apreensão precípua e inata do indivíduo na busca inexorável pelo conhecimento, fazendo deste movimento o ponto de partida do mesmo. Em contrapartida, apesar das dificuldades epistemológicas para se tratar da subjetividade e da intersubjetividade na questão da estrutura do saber geográfico, acredita-se lograr êxito quanto ao tratamento didático pedagógico do mesmo, observando que no ambiente pedagógico é mais fácil agir autonomamente e trabalhar os conceitos e categorias científica.

### **Referências Bibliográficas**

BAILLY, Antoine et al. **Géographie Régionale et Représentations**. Paris: Anthropos, 1995.

BAILLY, Antoine; SCARIATI, R. **L' Humanisme en Géographie**. Paris: Anthropos, 1990.

CAPRA, Frijof. **O Ponto de Mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. (Trad.) Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix. 1999.

CORREIA, Marcos Antonio. Ponderações Reflexivas Sobre a contribuição da Fenomenologia à Geografia Cultural. **RA' EGA (UFPR)**. Curitiba, v.11, p.67-75, 2006. Editora UFPR.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

KOZEL, S. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Contexto, 2002.